



S.º Alexandr. Arculano



F. I. DE CARVALHO REZENDE

RECORDAÇÕES DE S. PAULO

VERSOS



RIO DE JANEIRO

Typ. Moreira, Maximino & C.—Rua da Quitanda N. 111

1875



102/2753

**General Library System
University of Wisconsin - Madison.
728 State Street
Madison, WI 53706-1494
U.S.A.**

RECORDAÇÕES DE S. PAULO

VERSOS

POR

f. J. de Carvalho Rezende

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur.

A. DE MUSSET.



RIO DE JANEIRO

Typ. Moreira, Maximino & C.—Rua da Quitanda N. 111

1875

**General Library System
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494
U.S.A.**

Mem

PQ
9697
C 362
R4
1875

6192246

AO MEU AMIGO

o

CORONEL

JOSÉ REZENDE DE CARVALHO

DUAS PALAVRAS AO LEITOR

Na publicação das minhas pobres RECORDAÇÕES vae o simples cumprimento de um dever para com o amigo a quem as offereço.

Na quadra que atravessamos—dos melhoramentos moraes e materiaes—é indispensavel a explicação para que não fique o leitor a suspeitar mal da integridade de minhas faculdades mentaes.

Do que anda por cá alinhavado separei o que me pareceu mais adequado ao meu intento e ahi sae a correr mundo.

O que vale é que não ha de a critica por tão pouco assestar as baterias.

Lidando com praxistas desde os bancos da academia estou perfeitamente talhado para poeta!

Depois da leitura de alguma nota de Lobão

quem não sentir abraçar-lhe a fronte o fogo da inspiração é que decididamente nasceu e ha de morrer com o juizo no lugar.

Vê, pois, o leitor que sou um simples curioso.

Fui escrevendô como quem escreve unicamente para enganar as horas de ocio.

D'ahi defeitos de fôrma, repetições e o que mais é — o cunho de impressões de momento arrastando não poucas vezes á exagerações que não se cazam com a bôa poesia.

E' assim que, sem embargo das muitas modificações porque tem passado, apparece desde logo o « Ipyranga » a dar testemunho de que eu bem podia festejar o dia 7 de Setembro de 1858 sem preoccupar-me tanto o velho Portugal.

A verdade, entretanto, é que nem só a nação portugueza reconheceu logo a nossa independencia, como que dessa época para cá tem-se mostrado sempre amiga sincera do Brazil.

Estão ainda bem recentes a questão ingleza e a guerra contra o Paraguay.

Do mesmo modo o « Duque de Bragança » foi escripto quando na imprensa se discutia a legitimidade da divida que a nação ia pagar á memoria do fundador da monarchia.

Disso excessiva exageração senão na essencia, com certeza na fôrma.

De taes e muitas outras imperfeições resen-

tem-se quasi todas as composições deste pequeno volume.

Parecerá á primeira vista demasiado arrojado figurarem nas RECORDAÇÕES algumas versões de trabalhos em si primorosos.

São ensaios de metrificacão e nada mais.

No « Cinco de Maio » de muito me serviram as traducções de Varnhagen e Ramos Coelho.

Nesta collecção fiz quanto em mim esteve por imprimir-lhe fórma propria.

Quanto, porém, ao pensamento ha de o leitor enconral-o mais ou menos desenvolvido dèside o Ramayana até os escriptores contemporaneos.

S. João d'El-Rei, 30 de Maio de 1875.

I

A SAUDADE

A tarde está tão bella e tão serena
Que convida a scismar,

B. GUIMARÃES.

Tibio o sol já descora no occidente
E antes que da noite desça o manto,
Aura fagueira, recordando amores,
A' princeza do sul leva-me o canto.

Parece-me estar vendo a Cantareira
No horisonte azulado a desenhar-se;
O Tieté a serpear sereno,
E a garça na corrente a retratar-se.

Aqui alvo jasmim perfuma o espaço :
Mais além onde vão pousar neblinas,
Erguem os galhos, açoutando os ares,
Altivas e louçans casuarinas.

Lá se ouve da perdiz o pio triste,
Meiga suspira a jurity na mata ;
A patativa seus segredos conta,
Sentido harpejo ● sabiá desata.

E as cantigas do rude sertanejo
Ao aprisco o armento conduzindo ;
E da araponga os estridentes gritos
Ao longe nas quebradas se sumindo;

E os alegres passeios pela varzea,
E as doces illusões sorrindo á mente,
E a vida, a vida a refluir ao seio,
E n'um roseo porvir a crença ardente !

Paulicéa gentil, no céo da patria
Tua estrella se ostenta radiosa :
O passado acordando, eia, caminha
De novos louros na conquista honrosa !

Acolá inda a brisa nos relembra
A « Lyra » que Azevedo dedilhára ;
E o echo lhe responde com os « Cantos »
Que o bardo da soidão na harpa entoára !

Felix, Queiroga, Fróes, Macedo, Andrada,
Varella, Bittencourt, Alves, Duarte!
E tu, pleiade illustre, desfraldando
Em demanda da gloria aureo estandarte!

Terra das tradições, terra de encantos,
Em teu seio sonhei co'a liberdade;
Do berço de Alvarenga eu te saúdo,
Prometheu do futuro, ó mocidade!

II

NO IPYRANGA

(1858)

Creio que Deus é Deus e os homens livres!

A. HERCULANO

Era alta noite. A lua merencoria
Fulgia á medo e no estrellado manto
Bella e triste passava contemplando
A terra de Tupan, terra dos bravos
Que cedo ao despotismo vão render-se.
Sobre as tribus soberbas, destemidas
Pezará do estrangeiro a dextra irada.
Ai dellas! do porvir! da patria gloria!

Era alta noite. A' voz forte e valente
Do Indio ousado a descantar nas matas,
Da fresca viração aos puros beijos,
Deitára-se o Gigante Americano
Onde em raiva fervendo o mar se enrola
Em rouquenho fragor bramindo ao longe.

Mas não dorme a ambição. Eil-a orgulhosa
De escarcéos a pizar no dorso crespo,
As iras dos tufões, do pego a sanha
Arrostando a sorrir...

Quem era livre
Roja sua altivez aos pés de um despota
Na terra de seus paes vagando escravo.
Em denso turbilhão varrendo as tabas
O facho abrasador sacode a guerra.

E o Gigante a dormir sereno e calmo
Não ouvira o tinir dos grossos ferros
Que seus braços possantes roxeavam.
Desperta-lo quizeste, ó Tira-dentes;
Das mãos do luso povo em desatino
O teu craneo vôu ensanguentado,
E os teus grandes rivaes de gloria e brios
— Nos torridos sertões da Africa inhospita —
Forão captivos combater co'a fome,
De saudade gemer na ancia da patria,
No abandono infernal morrendo á mingua!
Debalde! que entre os gritos e os applausos
Dessa gente servil, gente inhumana
Que em ti a liberdade assassinava,
Levantou-se o Brazil; e como o raio
Que prostra no correr o cedro annoso,
Elle os duros grilhões parte, espedaça,
E da selva acordando os tristes echos
Brada arrogante: INDEPENDENCIA OU MORTE !

Já não és terror do mundo,
Já tremeste, Portugal;
Em convulsões moribundo
Foi-te o valor desleal,
Quando o brado tão valente
Do Gigante armipotente
Lá da Europa no occidente
Provou-te a quéda fatal.

O Tejo baixando a fronte
Correu tranzido de horror;
Negra nuvem no horisonte
Manchou-lhe todo o fulgor.
E Lisboa a caprichosa
De Lysia filha garbosa,
Lisboa gentil, mimosa
Estremeceu de rancor.

Sem gloria, sem ufanía
No seio o rosto escondeu
Para não ver a agonia
Do paiz onde nasceu.
Recordou-se que era forte,
Quiz travar luta de morte
Contra os revezes da sorte,
Mas depressa esmoreceu.

Jaz por terra abandonado
O estandarte portuguez ;
Lá se somem no passado
Essas conquistas que fez.
Eil-o prostrado, abatido
O pavilhão atrevido
Porque o Francez destemido
Foi sem dó rasgal-o aos pés.

Portugal, velho guerreiro,
Era immenso o teu poder ;
Da fortuna companheiro
Não sonhavas de morrer.
E sorrindo de impiedade,
Renegando a Divindade,
Dos povos a liberdade
Esmagaste sem tremer.

A India com seus thesouros
Beijou-te o nobre pendão ;
Na cruzada feita aos Mouros
Foste ousado campeão.
E a bandeira luzitana
Nos mares correndo ufana
Arvorou-se soberana
Té nas praias de Cantão.

Das vagas no dorso altivo
A victoria se assentou,
Quando o Oriente captivo
A' teus bravos se curvou ;
Quando o Gama—heróe soldado
Sobre os tropheos debruçado
Ao mundo triste, humilhado
Teus grandes feitos mostrou.

Hoje pobre e sem alento
E's ludibrio das nações ;
Só vives no monumento
Com que te brindou Camões.
Do futuro descuidoso
Adormeceste orgulhoso
Ao echo tão mavioso
Dessas luzas tradições.

Bem depressa tuas quinas
Se esqueceram de Azamor ;
Lá do Alcacer nas campinas
Enterrou-se teu valor.
Na contenda rija e feia,
No combate que se ateia,
A revolver-se na areia
A patria gemeu de dor.

Ante as armas portuguezas
O destino se abateu ;
Mas ao peso das grandezas
Teu poder estremeceu.
E sobre as margens do abysmo
Captiva — sem heroismo
Nos braços do despotismo
A Lusitania morreu.

Morreu ! e das cinzas do povo guerreiro
Te elevas robusto, soberbo Brazil !
O genio da gloria se erguendo altaneiro
Te pousa na frente briosa, gentil.

Tres sec'los bem longòs dormiste algemado
De escravo mesquinho no leito infernal :
Tres sec'los sem forças, vencido, humilhado
Sorraste ao tyranno — sorriste... inda mal !

A gente de Lysia sem norte vagando
Em tuas florestas abrigo encontrou ;
Na terra de estranhos victoria cantando
Immensas riquezas comsigo levou.

Em paga de tantos, tão bellos thesouros
Com ella vieram pesados grilhões ;
De teus nobres filhos deitou-se nos louros,
Cuspiu-te nas faces tremendos baldões.

Ao forte estampido da rouca metralha
O Indio se curva de medo a chorar ;
Fugindo p'ra longe no horror da batalha
Ao fero inimigo abandona o seu lar.

Em vão, ó Gigante, esse povo orgulhoso
Teu solo querido trabalha em reter ;
Já se ouve nas selvas o echo saudoso
Do brado arrogante : vencer ou morrer !

Alçando raivoso teu collo valente
Tu quebras os ferros calcando-os sem dó ;
O luso estandarte, terror do Occidente,
Do livre Ipyranga se arrasta no pó.

Na luta renhida a feroz tyrannia
De rojo á teus pés lá se extorce no chão :
Assim a panthera se enrosca bravia
Nas garras sangrentas de altivo leão.

Campeia soberbo, robusto Gigante!
Envolto em grandezas te acena o porvir.
Saudemos a aurora que surge brilhante
No céu azulado da patria a sorrir.

III

A CRUZ DO ERMO

AO MEU AMIGO AURELIANO P. C. PIMENTEL.

Ave, cruz, spes unica!

Passa nos céos a tormenta,
Rugindo passa o tufão;
A terra, a face dos mares
Tudo treme ao repellão.
Passa nos céos a tormenta,
Rugindo passa o tufão.

Alem no meio da serra
Um pobre velho parou;
Parou e vista cansada
No espaço infindo alongou.
Alem no meio da serra
Um pobre velho parou.

Tivera immensos thesouros,
O destino os consumiu;
A gloria que lhe acenára,
Essa gloria lhe fugiu.
Tivera immensos thesouros,
O destino os consumiu.

Seus filhinhos veiu a morte
Uns apoz outros buscar;
Uma esposa idolatrada
Lá viu de dor expirar.
Seus filhinhos veiu a morte
Uns apoz outros buscar.

Ficou só o pobre velho !
Porque tambem não morreu ?
Amigos... todos se foram
Quando a borrasca desceu.
Ficou só o pobre velho !
Porque tambem não morreu ?

Só no tremendo combate
Quasi, quasi a succumbir !
Em cima o ar carregado,
Em baixo o abysmo a bramir.
Só no tremendo combate
Quasi, quasi a succumbir !

E onde vae o pobre velho
Com esse tempo, meu Deus?
Onde vae quando a tormenta
Passa medonha nos céos?
E onde vae o pobre velho
Com esse tempo, meu Deus?

Onde vae? Está cansado
De lutar, lutar em vão!
Vae implorar ao abysmo
A seus males compaixão.
Onde vae? Está cansado
De lutar, lutar em vão...

Ergue os olhos,—vê os braços
Estender-lhe amiga cruz;
Reverente curva a fronte
Ao supplicio de Jesus.
Ergue os olhos,—vê os braços
Estender-lhe amiga cruz.

Doce amparo da existencia,
Oh santo emblema da Fé!
Da fortuna o enteado
A ti vem, espera e crê.
Doce amparo da existencia,
Oh santo emblema da Fé!

IV

NO MAR

(CHATEAUBRIAND)

Ia quasi nas vagas a sumir-se
Do sol o globo derramando ainda
Nos espaços sem fim a luz benéfica.
Aos baloiços da popa dir-se-hia
Que, ao despedir-se, o astro radioso
De horizonte mudava a cada instante.
Mastros, enxarcias, do navio as vergas
De rosa se tingiam. No oriente
Onde lenta surgindo vinha a lua,
Sem ordem se estampavam raras nuvens.
O restante do céu estava puro.

Do norte no horizonte
Do dia com o astro e o da noite
Luminoso triangulo formando,
Do prisma com as côres uma tromba
A refulgir do vasto mar se erguia
Como columna de christal brilhante
Aguentando do céu a immensa abobada!

Ai daquelle que nessa scena augusta
A' grandeza de Deos não se curvasse !
Mão grado meu brotaram-me dos olhos
Doces lagrymas quando descobrindo-se
Meus companheiros a entoar entraram
Em voz rouquenha seu singelo cantico
Do fiel navegante á padroeira

SENHORA DO SOCCORRO.

Quanto de enternecer não era a prece
Desses homens que n'uma fragil taboa
No meio do oceano contemplavam
O sol no occaso a se afogar nas ondas !
Como calava n'alma a humilde supplica
Do pobre marinheiro á Mãi das Dores !
E essa humilhação diante d'Aquelle
Que o horror da tormenta e a calma envia ;

— A' vista do infinito

De nossa pequinhez a consciencia ;
— Os cantares que ao longe iam morrendo
Das vagas no bramir ;—co'os sons estranhos
No fundo dos seus antros a esconderem-se
Espantados os monstros do oceano ;
— Com as suas ciladas vindo a noite ;
— Entre tantas e tantas maravilhas
De um barco a maravilha ;—a equipagem
De pasmo e de temor toda tranzida ;
— Em intima oração um padre augusto ;
— E Deus, Deus sobre o abysmo reclinado
Co' uã mão a soster o sol ás portas

Do occidente, na outra a lua erguendo
No oriente, e atravez da immensidade
A' fraca voz da creatura attento...

Isto não se descreve
E mal póde sentil-o o peito humano.

V

GEORGINA

É esse amor que a terra foge, ó virgem,
Doce virtigem que nos leva ao céu!

MACEDO SOARES.

Georgina! Inda recordo-me
De vêl-a a face encostando
Na mão, e os olhos fitando
No horisonte a ennegrecer.
Em pezado e largo extase
Engolfada parecia
Que de cá se despedia
Outros mundos a entrever.

O sol se envolvendo em purpura
No poente se occultava;
A lua lá despontava
Dos montes surgindo alem.
Era a hora melancolica
Dos aerios devaneios
Em que abrindo os castos seios
No hastil se ergue a cecem.

Ella immovel como estatua !
As madeixas ondeadas
Lhe cahiam destrançadas
Sobre o collo de marfim.
Que expressão de intensa mágoa !
Que olhar cheio de tristeza
A correr — todo pureza —
Esses espaços sem fim !

Ao contemplal-a sentia-se
Voar longe o pensamento,
Um estranho movimento,
Uma indizível pressão.
Nesse momento a dissereis
De Alba a santa penitente
Buscando no amor ardente
Do Ser Supremo a visão.

E comtudo houve uma epocha
De folgedos, de alegria
Em que a vida lhe corria
Como o barco em liso mar.
Uma noite,—noite placida
Em sonho ameno, ditoso
Viu ella um anjo formoso
Lá de cima a lhe acenar.

E o anjo a descer precipite
Bem depressa approximou-a:
Co'as niveas azas tocou-a
Apontando para os ceos.
Quando acordou era pallida.
Esta vida a atormentava;
Só uma idea afagava:
Ir ver a sombra de Deus.

E viu mais. O terreo involucro
Guarda humilde sepultura;
Sua alma candida e pura
Do Eterno ao seio voôu.
Sorrindo os anjos no empyreo
Linda c'rôa lhe teceram;
Das vozes que lá se ergueram
A' terra um echo chegou.

Georgina! Inda recordo-me
De vê-la a face encostando
Na mão, e os olhos fitando
No horisonte a ennegrecer.
Em pezado e largo extase
Engolfada parecia
Que de cá se despedia
Outros mundos a entrever.

VI

QUADRAS

Que de invejas a acompanham!

JOÃO DE LEMOS.

No alvor da mocidade a vi travêssa
A rir e a brincar colhendo flores;
Ria e brincava sem sonhar de leve
Nesta vida outro encanto, outros amores.

A vi depois. Em doce devaneio
Dessas flores somente uma colhia:
Era a saudade que os affectos puros
E os seus castos enlevos traduzia.

Tornei a vê-la. Timida, confusa
De olhos presos ao chão ia corando:
Ia corando a lhe pender dos hombros
Candido veo ás brisas ondeando.

Ainda a vi mais tarde. A'flor dos labios
Riso celestial desabrochava;
Radiosa ante a imagem da innocencia
Sobre um berço—a cantar—se debruçava.

VII

ONDE ESTA' A FELICIDADE ?

(CONTO ARABE)

Era uma vez o filho
Do grande Harum-al-Raschid
Que tanto deu que fallar.
Infeliz se reputava
E derviche de bons creditos
Um dia foi consultar.
Sahiu o sabio dizendo
Que no mundo a f'licidade
Era cousa mui difficil,
Mui difficil de se achar.
— Conheço comtudo um meio
Infallivel de a encontrar.—
—Qual é? perguntou-lhe o moço;
—E' de um feliz a camiza
Sobre os hombros envergar.—

Palavras não eram ditas,
Eil-o á caminho. As cidades
Mais afamadas da terra
Vae depressa a visitar,
E camizas de senhores,
De principes e monarchas
Todo alegre a exp'rimtar.
Trabalho inutil. Camizas
De artistas, negociantes,
Guerreiros e viajantes
Passa então a ensaiar.
Sempre o mesmo. Bom caminho
Assim andou o coitado
Co'a a f'licidade sem dar.
Da empreza desanimado
Em busca dos patrios lares
Ia tristonho a voltar,
Quando um lavrador ao longe
Vê seu arado guiando
E de contente a cantar.
— Ali está a f'licidade
Ou então cá pelo mundo
E' baldado a procurar;—
E endireitou para o homem.
— E's tu feliz, meu amigo?—
— Sou. — E nada mais desejas?—
— Não. — Nem quizeras trocar
Tua sorte co'a de um monarcha?—

— Nunca. — Bem, á tua camiza
Põe preço, quero-a comprar.—
— Camiza ! Pelo Propheta
E' objecto que não tenho,—
Disse rindo o bom do homem
Na lida a continuar.

VIII

O AMOR A DEUS

(SANTA THERESA DE JESUS)

AO MEU AMIGO O REV. JOSE' MARIA XAVIER.

Não me move, meu Deus, para querer-te
O ceo que tu me tens já promettido,
Nem me move o inferno tão temido
Para deixar por isso de offender-te.

Tu me moves, Senhor ; move-me o ver-te
Cravado em uma cruz e escarnecido ;
Move-me ver teu corpo tão ferido
E entre angustias a morte a receber-te.

Move-me teu amor—de tal maneira
Que se ceo não houvera inda te amára,
Se não houvera inferno eu te temera !

Nada tens que me dar porque te queira,
Pois embora o que espero não sperára,
O mesmo que te quero te quizera !

IX

A ORPHÃ

O que póde haver na vida
Que te faça assim pendida
Fitar os olhos no chão?

FELIX DA CUNHA.

Pobre flor ! que te debruças
Das bordas da sepultura,
Porque esse véo de amargura,
Porque essa expressão de dor ?
A magnolia a fronte alçando
Verte perfumes suaves ;
Nas selvas cantam as aves,
Tudo nos falla de amor.

Quinze annos ! quadra ditosa !
Vem longe a angustia, a tristeza ;
Quando ri a natureza,
Porque tu sempre a chorar ?

Quinze annos ! são a alegria,
Bellos sonhos, a innocencia ;
Inda não tem a existencia
Mágoa e dores que affrontar.

Quinze annos ! a vida, o riso !
E tu sempre pensativa,
Como a casta sensitiva
Cá do mundo a te esconder !
Deixa esse véo de tristeza ;
Foge, foge aos dissabores ;
Flor tambem—vem entre as flores
Teu futuro e sina ler.

—Porque sou triste ? perguntas ;
Na terra vivo sosinha
Como essa implume avesinha
Que sem caricias gemeu :
Sosinha passo no mundo ;
Meu pai bem longe repousa :
De minha mãe junto á lousa
A saudade me prendeu.

X

A TEMPESTADE

AO MEU AMIGO O DR. A. J. DE MACEDO SOARES

Da gruta negra a cataracta rola.
Alaga a serra bronca,
Esbarra pelo abysmo, escuma uivando
E pelas trevas ronca.
ALVARES DE AZEVEDO.

Nas erguidas montanhas do occidente
O sol a despedir os frouxos raios
Vae em breve morrer ; a brisa passa
Do verde coqueiral beijando as palmas.
No tronco annoso--a enternecer os ermos—
O meigo sabiá desata o canto,
E nessa hora de mystica saudade,
De aerios sonhos, de visões formosas,
A mente embevecida aos céos se eleva.

Mas ao longe nas orlas do horizonte
De vagar vem surgindo e cresce, cresce
Um vulto preto, feio, semelhante
A' immenso rochedo ao levantar-se
Do seio de escarceos entumescidos.
Começa a zunir forte o vento irado ;
Envolto em turbilhão arranca as plantas,
Abraça-as no correr e atira aos ares,
E rugindo insolente nas quebradas
Da mata secular sacode as grenhas !
Dir-se-hia que nas azas da tormenta
A ira do Senhor do abysmo arrasta
O expectro atterrador da negra morte !

Os elementos em furia
Travam luta de gigante ;
Cada qual nesse recontro
E' mais forte, mais possante.

Esbarrando nos penhascos
De irritado brame o vento ;
Densas nuvens se encastellam
No espaçoso firmamento.

No encontrado, rijo embate
Vomitam a morte feia,
E a peroba assoberbada
Treme, verga, cambaleia.

A borrasca muge perto
Com seu bramido infernal ;
Os grandes cedros baqueiam
Co'as furias do vendaval.

A rajada caprichosa
Sibilando pelos ares
Quer affrontar destemida
As florestas seculares.

As arv'res curvam as franças
Com ellas varrendo o chão ;
Os troncos rolam partidos
Nos braços do furacão.

Um veloz sulco de fogo
Eis assoma no oriente,
E veloz cortando o espaço
Vae expirar no occidente.

Ouve-se logo um rugido
Qual o do leão atado
Quando se morde raivoso
Sendo de cães acuado.

Era do trovão o ronco
Pelas brenhas a troar
Que arrojando-se frenetico
Veiu na terra estourar.

Sobre o mundo espavorido
A noite desdobra o manto,
E no horror da tempestade
E' tudo tristeza, espanto.

Só na extrema do horisonte
O corisco relampeia
E presto rasgando as trevas
Nos abysmos bruxuleia.

Ai de ti, homem soberbo !
Olha p'ra as bandas do norte :
Abraçada co'a tormenta
Lá feroz rouqueija a morte.

Esses torreões de nuvens
Que se batem com fragor,
São o anuuncio tremendo
Da vingança do Senhor.

E o castigo desceu. . . Tudo é ruínas ;
Oh que quadro tristonho !
Quem passa considera esmorecido
O espetac'lo medonho.

Inda hontem se embalava a meiga tarde
Nos braços da belleza :
Hoje apenas desponta a luz da aurora
Tudo causa tristeza.

Eu temo a natureza quando ruge
No furor do trovão ;
Quando a ouço gemer com voz soturna
Ao passar do bulcão.

XI

UMA LENDA AMERICANA. (1)

Nas terras da Normandia
Tinha o marquez de Villars
Uma rica possessão
Bellavista appellidada,
Bellavista com razão.
Era tão bem situada,
Andava tão cultivada,
Tão garrida, tão faceira
Que de longe, muito longe
Iam vê-la em multidão.
Morto o marquez, seus parentes
Cavalheiro de Castel
E conde de Bovilliers,
Pondo alerta o fôro em peso,
Travam renhida demanda
Sobre esse bello torrão.

(1) C. Cantu.—*Buon senso e buon cuore.*—Conf. XXI.

Querendo vêl-os de accôrdo
Em roda viva girava
Ô abbade de Saint-Pierre.
Fez quanto em suas mãos estava,
Foi tudo perdido, em vão.
E' que a paixão os cegava
E ante a ira ou o capricho
De nada vale a razão.
Não tendo já esperança
De conseguir por tal meio
Do pleito a composição,
Disse um dia Saint-Pierre :
— Deixemos a discussão
Que quasi nada adianta ;
E permitti-me a leitura
D'á singela historieta
Na qual muito me interessa
Vossa franca opinião :

Entre as innumeradas ilhas
Que crusam o Mississipi
Duas ha bem pouco extensas,
Mas de clima mui salubre,
Fructas e caça a fartar.
Dous habitantes somente
Lá nessas ilhas havia :
Maico na ilha Verde
E na Redonda Baico.

Que viver tão sem cuidados,
Que doce paz de invejar!
Se na caça era mais dextro
Maico, no pescar
Ao seu amigo Baico
Ninguem a melhor levava.
Dahi constantes permutas,
E cada qual a lucrar.
Um dia abrindo Baico
Um peixe, nelle encontrára
Um semicirculo de ouro
E pedras de varias côres
Que eram mesmo de abysmar.
Tereis nelle conhecido
Um dos pentes elegantes
Que trazem as Hespanholas
Os cabellos a adornar.
Mas nunca os vira Baico
E de contente a pular
Eil-o logo a exp'riental-o
No nariz e nas orelhas,
Já diadema, já colar,
E nada melhor achando
Na orelha esquerda prendeu-o
De longe a vista a offuscar.
O seu primeiro sentido
Foi correr apoz Maico
O achado a lhe mostrar,
E Maico de aturdido

Sem saber o que fallar !
Nunca, nunca imaginára
Cousa assim maravilhosa
Que de um Deus a semelhança
A' Baico estava a dar.
Mas do assombro á inveja
Apenas um passo vae:
— Porque elle e não eu havia
Aquelle thesouro achar ?
E' mais forte e corajoso ?
Os peixes tanto pertencem
A Baico como a mim ;
E demais onde foi dar
Co'o peixe que em si trazia
Esse enfeite de encantar ?
Bem perto da ilha Verde
E por tanto em meus dominios
Não ha porque duvidar. —

De si p'ra si á principio
Eram estas reflexões,
Não tardando de agastado
Em alta voz a romper ;
E Baico a responder
Co'o orgulho que lhe inspirava
Sua recente fortuna :
— O peixe foi encontrado

Do rio em meio ; o pingente
E' meu a mais não poder ;
E' meu, sim ; e o meu direito
Farei em tempo valer. —

De máo humor separando-se
Maico só vê, só pensa
Nesse 'máldicto pingente
De seu visinho brasão ;
Tanta fortuna o agasta,
E a bilis lhe transtorna
De Baico a presumpção.
Pouco á pouco á mente surge
Esta, aquella usurpação
Que elle havia tolerado,
Abraçando o expediente
De pôr termo á tanta affronta ;
A quem vive prevenido
Nunca falta occasião.

Vendo atravessar o rio
Nedio bufalo, Baico
Vae seguindo-o co'a canoa
E o alcançando em uma praia
Da ilha Verde o matou.
Apressado, furioso
Lá sae Maico gritando
Que o animal lhe pertencia
E o deixasse aonde achou.

Palavras puxam palavras,
Dellas passam ás injurias,
Das injurias ás punhadas.
Volta Baico ferido
E de raiva se mordendo
Atroz vingança jurou.
Maico que tinha medo
Tractára de precaver-se ;
E sabendo da coragem
De seu visinho Baico
A dianteira tomou.
Alta noite lá se embarca,
A ilha Redonda toca,
E armado de um machado
A' cabana de Baico
Sem fazer bulha chegou.
Arremette impetuoso —
Maravilha ! — na cabana
Baico não encontrou ;
Deita-lhe fogo e depressa
A' sua choça tornou.
Ao chegar vio d'entre as arvores
Que a morada lhe cercavam
Levantar-se enovelada
Uma columna de fogo;
Inquieto se approximou.
Baico lhe incendiára
A cabana que em seu seio
Muitas vezes o abrigou.

Os rivaes—na mesma idéa
De vingança—se encontraram,
O mesmo instincto os levou.

Mas nisto só não ficára.
O incendio das cabanas
Era apenas o preludio
Da guerra atroz, incessante
Que entre elles veiu a romper :
Sempre promptos, occupados
No armar e evitar traições
Viviam nos escondrijos
Mil privações a soffrer.
As miserias que se impunham
Um ao outro, corpo davam
Ao rancor ; mal se deitavam
Eil-os de susto a se erguer.
Quando acaso se encontravam
As feridas que ficavam
Eram novo combustivel
Tanto odio a reviver.
Com a colera crescia
A inveja de Maico ;
Todas as vezes que via
Com seu pingente Baico,
Era em furor a ferver ;
Esse pingente maldicto
Era o cartel atirado
De seu brio a escarnecer.

Pensando no tal enfeite
Sobre os hombros de Baico
A pender tão fulgurante
Não se podia conter :
— Do rival hei de vingar-me ;
Ha de á affronta haver um termo ;
Assim não posso viver.—

Tomando o machado, a faca
Maico atravessa á nado
O estreito ; (ha muito que eram
As barcas de ambos pedaços) ;
E cego pelo furor
Chega por traz de Baico,
Acommette-o de improviso,
Soltando fero rugido .
O seu odio vingador.
Mas o homem do pingente,
O mortal golpe evitando,
Toma as armas e vae logo
Séria defeza a oppor.
Bem depressa de feridas
Estão os rivaes cobertos ;
O machado do inimigo
Sobre Maico Iá desce ;
Porem cego, allucinado
Do combate no ardor,
Bem pouco isso se lhe dá ;

Só procurando ferir
Até ver que aos pés lhe cae
Baico que breve que expira
Co'um grito desolador.
Então, sim, ao auge tocam
A alegria e o orgulho
De Maico; esse pingente
Que lhe era toda a ambição
Eil-o á Baico arrancado
Pelo cruel vencedor.
— Emfim é meu! eis o premio
De tantos, tantos tormentos,
Tantas lutas e fadigas;
E' o tropheo attestando
A minha grande victoria,
O meu subido valor! —

Com um sorriso selvagem
Maico mira o pingente,
E os cabellos aparta
Para na orelha o prender.
Porem, ó ceos! de repente
Solta um ai desesperado
Os ermos a enternecer:
As suas duas orelhas
Aos golpes tinham voado
E o brinco tão disputado
A' Maico não podia
Do menor proveito ser.
4

No auge do desespero
Maico ergueu a cabeça
E em torno a vista lançou :
— Duas ilhas devastadas,
Das cabanas os destroços,
Das barcas alguns fragmentos
Que o acaso ali deixou,
E o cadaver de quem fôra
N'outro tempo seu amigo
Foi somente o que enxergou.—

Aqui fez ponto Saint-Pierre.
O cavalheiro e o conde
Ao autor da historieta
Fazendo seus cumprimentos,
Em busca dos aposentos
Vae cada qual cabisbaixo
Sem mais palavra dizer.

No outro dia o abbade
Para o almoço ao descer
Deu com os dous litigantes
Parados junto ao fogão
Onde á porfia atiravam
Pedaços e mais pedaços
De papel em confusão.
— O que fazeis, meus amigos? —

— Fazemos o commentario
De vossa historia de hontem :
Encerra immensa licção !
A ir por diante a demanda
Que traziamos renhida
Seria quasi infallivel
De um e de outro a perdição.
Para que um de nós ao menos
A orelha conservasse
Onde prender o pingente,
Consequimos pela sorte
Do pleito a terminação,
E ao cavalheiro é que coube
De Bellavista o torrão.—

Louvou-lhes o abbade a acção ;
E depois sempre contava
A singela historieta
Que depressa entre os amigos
Quasi em proverbio passou,
Toda a vez que se fallava
De alguma guerra ou demanda
De improficuo resultado :
— E' a historia de Maico
Que por amor de um pingente
Sem as orelhas ficou.—

XII

A FILHA DE JEPHTÉ

(MOLLEVAULT)

A noite vae bem alta. Agros pezares
Nos peitos agitados acalmára
O somno amigo. No deserto errante
Só—com seus males—soluçando afflicta
Vela pallida virgem desvairada
E o echo das florestas acordando
Em voz dorida assim lhes conta as mágoas,
Seu infortunio conta :

« A tenra vide em paz na luz se embebe
Da fresca aurora, e a palmeira altiva
Não teme perecer ;
Que de sóes terá inda a flor mimosa !
E eu...eu vou morrer !

« Um dia, um dia as companheiras minhas
Pelo nome de mães cheias de orgulho
E secreto prazer,
Sorrir verão um filho—seus extremos;
E eu...eu vou morrer!

« Tributando a seus paes ternos desvelos
Se ao pezo da existencia acabrunhados
Chegarem a pender,
Serão ellas o encosto da velhice;
E eu...eu vou morrer!

« Tu que dos ceos escutas uma virgem,
Enxuga de meu pae o pranto amargo,
Não o deixes soffrer;
Dá-lhe, Senhor, a vida que me tiras,
E eu saberei morrer!»

XIII

O DUQUE DE BRAGANÇA

(1862)

Oh! quante volte al tacito
Morir d'un giorno inerte,
Chinati i rai fulminei,
Le bracia al sen conserte,
Stette, e dei di che furono
L' assalse il sovvenir!

MANZONI.

Dó seu throno despojado,
No poente a vista a fitar—
Eil-o scismando sentado
Nessas praias de alem-mar.
Em vil desterro—indo bravo
Maldiz a sorte do escravo,
Da patria beija o pendão.
Livre sempre, sempre forte
Sem pavor encara a morte,
Não roja a face no chão.

Da guerra filho mimoso
Nos seus braços se embalou;
Ante o soldado brioso
A fortuna se prostrou.
Co'um olhar firme e seguro
Rasgando o veo do futuro
Os seus arcanos prediz.
Ao brado heroico e valente
Estremece o continente,
Curva-lhe a fama a cerviz.

No mais accêso da luta
A ferver cresce o ardor;
O campo quem lh'o disputa?
Quem lhe resiste ao valor?
Quizeram vergar-lhe o collo
Ao desterral-o do solo
Onde ficava-lhe o ser:
Infelizes! já se esquecem
Que esses louros immurhecem
Onde surge seu poder.

Debalde a intriga conspira
Em lhe esmagar a altivez;
Debalde á arena se atira
Com estranha impavidez.

Da calúnia horrenda e feia
Que os grandes feitos mareia
Elle affouto escarneceu :
Como o cedro agigantado
Da tormenta assoberbado
Se baqueiou, não tremeu!

A Lusitania sem vida
Em rotas vestes de dó,
De tanto orgulho abatida
Rolava a fronte no pó.
De outros tempos a princeza
Perdera a pompa, a belleza
E o antigo manto real;
Na campa de João Primeiro
Pousára ovante, altaneiro
O despotismo infernal.

Que importa? A voz da verdade
Bem longe repercutiu ;
Pede ao forte liberdade,
De amor um grito se ouviu.
Portugal, descobre o rosto,
De nação aceita o posto,
Agora és livre também.
O denodado estandarte
Na dextra de um novo Marte
Transpondo o mar—surge alem.

Era um soldado gigante
Esse guerreiro da cruz;
O seu astro fulgurante
Inunda a terra de luz.
De Vallongo na batalha
Ao trovejar da metralha
Vinga o nome portuguez;
Nas convulsões da agonia
A turba da tyrannia
Vencida lhe cae aos pés.

Do Ipyranga ao sol que nasce
De um povo a aurora saudou:
Do velho Porto na face
Outro povo libertou.
Seguindo da fama o trilho
Não se deslumbra ao seu brilho,
Nem throno o seduziu:
Em resposta á negra inveja
Que ardendo em furia o pragueija
Nas mãos dous sceptros partiu!

Se elle—homem—se mostrava
Pequeno, máo, immoral,
Monarcha—se revelava
Bondoso, grande e leal.

Se por sombra á tanta gloria
No leito gravou-lhe a historia :
« Ferino algoz da mulher, »
A historia justa e severa
Na sua c'rôa inscrevera :
« Nem uma nodoa se quer ! »

Em Portugal a saudade
Chora o bravo que se foi :
No Brazil a liberdade
Cospe na estatua do heroe !
Em vida teve amargura ;
Ao descer á sepultura
Socego devia achar ;
Nem ~~isso~~ ! quebrando a lousa
Onde o valente repousa
Vão-lhe as cinzas profanar.

Da patria não era imigo
Quem desatou-lhe os grilhões ;
Quem, arrostando o perigo,
Deu-lhe assento entre as nações.
E a patria que elle amára,
Que dos ferros libertára
Seus nobres louros pizou :
Tambem o escravo de Mario
Nem ao menos o sudario
De Scipião—respeitou !

Da morte ao fatal aceno
O soldado não gemeu ;
Aquelle gesto sereno
Nem de leve estremeceu.
Não dobra a fronte orgulhosa...
Ipyranga, Porto, Arnosa
Surgem-lhe á mente a sorrir !
No clarão que inda exhalava
Um nome eterno legava
Em testamento ao porvir !

XIV

A MORTE DE ELMANO

« Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube. »

Foram-se os dias de visões fagueiras,
As flores d'alma o vendaval prostrou.
Doce encanto que á vida me prendia
Meteoro fugaz luziu, passou.

Nauta perdido na amplidão dos mares !
Nem uma esp'rança nesse imenso horror !
Em baixo o pego a rebramar indomito !
Em cima a vaga a rebentar em flor !

E o misero a lutar ! Negra tormenta
Nos braços do tufão rugindo cae ;
E o baixel a jogar sem rumo—ás tontas
No abysmo a se sumir lá vae, lá vae !

Hontem ainda que de sonhos bellos !
Quanta crença na gloria e no porvir !
Acenando innocenciã, amor sem termo,
Era a vida, era o mundo a me sorrir.

E a gloria veiu... enganadora sempre !
E a existencia entre applausos me correu !
Mas a fé? onde está? onde repousa?
No embate das paixões parou, tremeu !

Busquei da vida decifrar o enigma,
O céu e a terra interrogando em vão :
Calou-se o céu, e da terra em desvario
« Incerteza » é a voz que os echos dão !

Feliz do homem que na paz dos campos
Da sciencia na taça nem tocou ;
Na ventura ou na dor,—do Verbo Eterno
Nem se quer um instante duvidou !

Quem me dera tornar á quadra amena
Dos sonhos puros, de robusta fé !
Sciencia e gloria eu trocaria grato
Por esse moto que diz tudo : Crê !

XV

NUM ALBUM

Cette image du ciel — innocence et beauté !

LAMARTINE

Que enlevos, que sonhos bellos !
Do mundo aos negros desvelos
Não te pulsa o coração;
Das flores de tua vida
Nenhua murcha pendida
Ao perpassar do tufão.

Sorri-te a face da aurora
Té nas lagrimas que chora
Debruçada sobre o mar.
Donzella, dorme em socego;
O bramir do insano pego
Não te venha despertar.

Festejando seus amores
As aves cantam ás flores
Quando desponta a manhã;
Nesse prazer enlevada
De tudo mais deslebrada
Só pensas em tua irmã.

Se a noite desdobra o manto
Tu tens lá do ceo num canto
Um astro sempre a luzir :
E' o signal de bonança,
E' um fanal de esperança
Que te acena do porvir.

O teu presente é risonho,
O passado um lindo sonho,
T'eu futuro um ceo de amor;
Bem diz a mão que te afaga,
Que os teus pezares esmaga,
Hymnos tece ao Creador.

Toda encantos e pureza
E's na tua singeleza
Como a rosa ao desbrochar:
No alvor da mocidade
Pelo brilho da vaidade
Não te deixes fascinar.

Se a travêssa borboleta
No voar toca a violeta
Que ao sol ha pouco se abriu,
Ai da florzinha mimosa !
Pende triste e desditosa,
Para sempre succumbiu !

No teu viver descuidado
Não ha mágoas do passado,
Nem perdidas illusões.
Donzella, dorme em socego;
O bramir do insano peço
Não te acorde ás afflicções.

XVI

A FLECHA E A CANÇÃO

(LONGFELLOW)

Joguei uma flecha aos ares
Não sei onde foi parar;
Tão veloz voôu que a vista
Não na poude acompanhar.

A's brisas mandei um canto
Não sei onde foi parar;
Que vista, que vista póde
Seguir um canto a voar?

Tempos depois num carvalho
Vi a flecha a se agarrar:
A canção — achei-a inteira
Num peito amigo a pousar.

XVII

NO AQUIDABAN

(1870)

No lampejo do gladio vermelho
Fulge o raio que a morte vibrou !

MENDES LEAL

De Francia na patria sibila a metralha
E gente aos milhares não vês a cahir ?
No embate terrível a terra estremece
E a America descora fitando o porvir.

Brazil, ergue a frente. No accêso da luta
Não tremas que o mundo te encara com fé;
No campo das glorias tens basta colheita;
Quem fez mais prodigios? mais forte quem é ?

Em Lomas, no Passo, Villeta, Angustura
Sorriu-te a victoria: o monstro fugiu.
Dá caça ao tyranno que affronta o direito,
Que occulto nas trevas teus brios feriu.

Debalde fugindo não pára um instante
A fera sanguenta que o ceo condemnou;
O Apa a increspar-se lhe nega^a passagem,
O nuncio da morte lhe brada: Aqui estou !

Brazil, tu és grande: sê recto e bondoso;
Aos bravos—corôas; aos fracos—perdão.
O monstro não vive... Triumphá a justiça !
De um bando de escravos faz livre nação.

XVIII

O PROSCRIPTO DE MOSSAMBIQUE

AO MEU AMIGO O DR. F. BELIZAIO S. DE SOUZA

Vêde bem o sentimento,
Com que dá, sôltas ao vento,
Queixas mil de seu tormento,
Tristezas do seu trovar!

L. A. PALMEIRIM.

Desponta a aurora. Formosa
Luz e vida a derramar,
Dos seus encantos vaidosa
Vem os prados aljofrar.
Purpureia-se o horisonte ;
Sorri a floresta, o monte,
E Guanabara ergue a fronte
O Corcovado a mirar.

Meiga estrella matutina
Que no combate cedeu,
Lá na celeste campina
De humilhada se escondeu.
Recordando seus amores
Trinam da selva os cantores ;
O calix abrem as flores
Que o orvalho a beijar desceu.

Um navio larga ferro
Nesse momento—inda mal!
Vae caminho do desterro,
Leva o crepe por signal.
De dor e ais mensageira—
A' brisa leve, fagueira,
Corta o mar, corre veleira
« Princeza de Portugal. »

Como a Niobe em delirio
A patria o rosto velou ;
Mas dos filhos o martyrio
Viu de perto e não chorou.
Não chorou : que a prepotencia,
Do seu senhor a inclemencia
Ao ferir a inconfidencia
Té as lagrymas vedou !

Um dos miseros proscriptos
Que vão á mingua morrer,
Traz na serra (1) os olhos fitos...
E a náu ligeira a correr!
E' Dirceu o mavioso,
O inconfidente inditoso,
Como Petrarca amoroso,
Maior no estro e soffrer!

E o navio sulca as agoas
Ao sopro da viração;
Dos pobres queixosas mágoas
Já se perdem na amplidão.
Some-se a terra. Cavado
O mar altivo, indomado,
A juba increspando irado
Ruge qual fero leão.

Ao poeta não bastava
Chorar a patria e o amor;
Nova prova o aguardava,
Novos transes, nova dor.
Da Lybia as plagas tocando
Seus amigos vae deixando
Miserias mil affrontando,
Da peste e fome o rigor.

[1] Da Estrella.

Eil-o agora pensativo
No rochedo á beira-mar,
Dos seus tão longe e captivo,
No espaço a vista a alongar !
O passado acode á mente ;
Surge a imagem resplendente
Daquella que amor ardente
Soube-lhe—casta—inspirar.

Lembram-lhe os tempos tão bellos
Que em Villa-Rica viveu ;
Lembram-lhe o encanto, os desvelos
Daquella que o estremeceu :
Nesses momentos escassos
Arrancada dos seus braços
A desatarem-se os laços
Com que amor os prendeu !

Alceu que tanto o prezára
Tambem no desterro jaz ;
Tanta gloria que o cercára
Desfez-se... clarão fugaz !
E Glauceste... á impiedade
Não se lhe dobra a vontade ;
Os umbraes da Eternidade
Transpondo—descança em paz.

Hontem ainda a esperança,
Lindos sonhos no porvir !
Ia-lhe a vida em bonança,
Ia-lhe o mundo a sorrir.
Tudo acabou. Triste morte
Destinou-lhe a vária sorte ;
Agora fraco—elle forte—
Nessa luta a succumbir !

Merencorio o sol desmaia
Na africana região ;
A vaga geme na praia,
Gemeu perto o alcyão ;
E ás paragens do Occidente
Manda a brisa em tom plangente
O adeus do inconfidente,
A derradeira canção !

XIX

O THESOURO E OS TRES VIANDANTES

(C. NODIER)

Tres freguezes (é o numero
Pequeno para se achar
Um que preste); tres freguezes
Lá no fundo do sertão
Co'um thesouro foram dar.
Aproveitou-lhes o achado?
Diz-nos a historia que não.
São mais tres que arrasta o ouro
A' tremenda perdição.

De que nos serve um thesouro
Não havendo que comer,
Não havendo que beber?
A fome apertou com elles.
A' vizinha povoação
Um dos freguezes foi ver
P'ra o repasto o necessario.

De caminho vinha o tal
Com seus botões a dizer :
— A morte certa sería
Dos bons dos meus companheiros
Se eu quizesse ; e só Deus sabe
O lucro que me viria
De um e de outro co' o quinhão !
E tolo serei que deixe
Escapar, tendo segura,
Tão propicia occasião ?

Do pensamento ao delicto
Pequena distancia vae ;
Do festim em um dos pratos
Pó subtil depressa cae
Que devia os nossos homens
Mandar mui longe ceiar.

Emquanto o freguez comsigo
A fortuna ia a sommar,
Junto dos seus companheiros
Igual trama se tecia,
Igual sorte o aguardava.
Chega ; em abraços o matam.
Onde o ouro occulto estava
Jaz occulto o grande horror.

Isto feito, tractam elles
De partilhar a riqueza
Antes de irem á comida
Que viera co'o traidor.
Porem muito não tardou
O effeito do venéno ;
Ali a morte acertou
Tres golpes de uma assentada
E a fortuna ambicionada
De dono á espera ficou.

XX

MORTA !

NA SEPULTURA DE D. F. A. DE B.

Au fond d'une chapelle il nous reste une croix !

A. DE MUSSET.

Vi-te ! passaste como a flor mimosa
Que a virgem meiga inda em botão cortou ;
Vi-te ! passaste como passa a brisa
Chorando a flor que no jardim murchou.

Vi-te ! passaste como a leve folha
Passa nas azas do fugaz tufão ;
Vi-te ! passaste como o som longinquo
De harpa solia a gemer na solidão.

Passaste ! qual veloz, terna andorinha
Do inverno ao rigor fugindo alem ;
Lá se vae ! e o tecto que ella deixa
Vendo a pobre chorar—chorou tambem !

Mas em breve tornando a primavera
A andorinha procura o antigo lar ;
Tu te foste e debalde os teus te choram !
E's de Deus : nunca mais has de voltar.

Vi-te ! passaste como a pura estrella
Passa correndo na amplidão do ceo ;
Passaste ! o mundo te seguiu em pranto,
Mais um anjo no empyreo se acolheu.

Seguiu-te como o naufrago os vestigios
Do perdido baixel no infindo mar :
Seguiu-te como segue o pensamento
Do desterrado—as affeições do lar.

XXI

S. JOÃO D'EL-REI

Em scismar sosinho á noite
Mais prazer encontro eu lá!
GONÇALVES DIAS.

Como é bonita e faceira
Minha terra onde a mangueira
Mostrando a frente altaneira
Com desdem olha p'ra o chão!
Oh que terra bemfadada
Onde é pura a madrugada,
Onde a vida é tão folgada,
Onde falla o coração!

Meiga terra dos amores,
Namorando-te os primores
Surgem da balsa os cantores,
Lá se inclina o gyra-sol.
Pausado no tronco annoso
O sabiá mavioso
Descanta um hymno saudoso
Da tarde ao lindo arrebol.

Geme a rôla em tom mais brando :
Nivea garça se ostentando
A' tona d'agoa nadando
Banha seu collo gentil.
A rosa exhala perfumes ;
Ardendo todo em ciumes
Conta ao bosque seus queixumes
O canario senhoril.

A tocar no rosmaninho
O beija-flor coitadinho
Já se não lembra do ninho,
Nem dos filhinhos que tem.
Sem descansar vôa e vôa,
Aqui e ali vae á tôa,
Do ananaz beija a corôa,
Beija a açucena tambem.

As noites como são bellas !
No ceo milhares de estrellas
Brilham vivas e singelas
Para o bardo extasiar.
Da cascata na corrente
Que da rocha cae fremente
O seu rosto transparente
Lá vem a lua mirar...

Radiante o viu no solio
O genio meu: calou-se;
E quando á sorte vária
Cahiu, se ergéu, prostrou-se,
De mil vozes ao fremito
Sua voz não quiz unir.
Virgem de servo encomio
E do cobarde insulto,
Desperta ao ver tão rapido
No occaso esse astro occulto,
E á urna manda um cantico
Que é talvez do porvir.

Dos Alpes ás Pyramides,
Do Rheno ao Manzanares,
Nas azas do relampago
Raio — cortou os ares;
Troôu do Scylla ao Tánaes,
De um mar a outro mar.
Foi vera gloria? Aos posteros
A difficil sentença.
A nós cumpre inclinar-mo-nos
De Deus á força immensa
Que nelle quiz mais vívido
Rasgo seu estampar.

O procelloso e trépido
Praser de vasta empreza,

A ancia de um peito indomito
Co'a mira na realeza,
Ganhando-a e tendo um premio
Que era de louco esp'rar,
De tudo teve: — a gloria
Maior depois do p'rigo,
A fuga e a victoria,
O sceptro e o exilio imigo,
No pó duas vezes, subito
Duas vezes sobre o altar.

Disse o nome: dous seculos,
Um contra o outro armado,
Para elle humildes voltam-se
Como aguardando o fado;
Silencio impoz e arbitro
Entre ambos se sentou.
Sumiu-se: e alvo continuo
Da inveja e dó profundo,
De amor, de eterno odio,
Longe, longe do mundo
Num rochedo em triste ocio
Seus dias encerrou.

Qual sobre a fronte ao naufrago
Se enrola e peza irada
A vaga donde o misero
Co'a a vista alta, alongada

Correndo o espaço ávida
Buscava terra em vão :
Tal naquella alma o cumulo
Pezou de mil memorias;
Oh quanta vez aos posteros
Tentou narrar as glorias
E nas eternas paginas
Tombou sem força a mão !

Quantas no morrer tacito
De um dia ao ocio affeito,
Na terra o olhar fulmineo,
Co'os braços sobre o peito
Parou, e o seu preterito
Vem-lhe á mente surgir !
Lembram-lhe as tendas bellicas,
Os valles retumbando,
O coriscar dos gladios,
Os esquadrões ondeando
E o concitado imperio
Aos pés a lhe cahir.

Talvez no embate o espirito
Vergou-lhe de cansaço
E desperou; mas válido
Do ceo baixando um braço
A regiões mais placidas
— Piedoso — o transportou;

Guiou-o pelos flóreos
Caminhos da esperança,
Ao campo eterno, ao premio
Que nem o anhelos alcança
Onde é treva e silencio
A gloria que passou.

Bella, immortal, benefica
Fé viva e triumphante,
Um louro mais: alegre-te!
Que genio tão pujante
Do Golgotha ao opprobrio
Jamais se viu curvar.
O terreo manto guarda-lhe
Da phrase que injuría;
Deus que levanta os infimos,
Que fere e que alivia,
Lá foi na praia inhospita
Ao lado seu pousar.

XXIII

EUZEBIO DE QUEIROZ

(1873)

Já que os homens esquecem, lembre a lyra
Um nome illustre que eternisa a gloria!

BITTENCOURT SAMPAIO.

Agora que no passo mal seguro
Treme a patria medrosa do futuro
 O passado a chorar,
Da morada da morte erga a memoria
Um grande vulto que pertence á historia
 Crenças a inspirar.

EUZEBIO DE QUEIROZ ! nome ao presente
A lembrar patrio amor, sincero, ardente,
 Virtudes e saber.
Não lhe viram dobrez. Da probidade
Apostolo fervente,—a lealdade
 Foi-lhe sempre um dever.

No serviço da patria quasi morto
Quantas vezes—tenaz—á amigo porto
Do estado a náu guiou ?
E onde a pedra sequer que a patria em calma
Ao filho levantou que o corpo e alma
A' patria consagrou ?

Eu a procuro em vão. Mas tem seu nome
Monumento que o tempo não consome :
Do povo a gratidão !
Que importam mausoleos a quem no mundo
De seus feitos deixou traço profundo
E os prantos da nação ?

Na tribuna—era a patria quem fallava
Naquelle verbo audaz que arrebatava
O crime a combater.
Vêde-o ! quasi a tocar da vida a meta
Era o guia, era a luz, era o propheta
O povo a esclarecer.

Ideas que em tropel o assaltaram,
Projectos que na mente lhe brotaram
Quem podera sondar !
Qual dos Andes condor livre, altaneiro,
Sempre o viram sereno e sobranceiro
Os ceos a procurar.

Do Brazil a ventura era o seu sonho.
Se o monstro da anarchia atroz, medonho,
 O terror diffundiou,
Seu posto o lidador tranquillo toma :
De paz o iris no horisonte assoma
 E o monstro succumbiu.

Um dia trouxe o echo em tom vibrante
Da Lybia adusta um grito lacerante
 De angustia e dor mortal :
« Basta » disse elle, e á voz estremecida
A justiça se ergueu :—tombou sem vida
 O commercio fatal.

Da lei e do dever fiel soldado,
A' crença que jurou prêso, abraçado
 Nunca, nunca torceu.
Foi-lhe a existencia um combater infindo !
Ao aceno da morte elle sorrindo
 Cahiu como viveu.

XXIV

NO GOLGOTHA

El madero soberano,
Iris de paz que se puso
Entre las iras del cielo
Y los delitos del mundo!

CALDERON.

E' finda a grande tragedia.
Entre affrontas e amarguras
Do Calvario nas agruras
De Deus o Filho expirou.
Consummou-se o sacrificio.
Negro manto de tristeza
Toma afficta a natureza
E no silencio chorou.

O caminho de Bethania
Ainda—verdes—juncavam
As palmas que Lhe lançavam
Na viagem triumphal :

E nas quebradas do Libano
Inda o echo repetia
Os canticos de alegria
Saudando o Rei Immortal.

O sol quo surgira esplendido
Em um instante descora ;
Geme a innocencia nessa hora,
A iniquidade venceu.
Do Templo — em meio o veo rasga-se,
Erguem-se as rampas partidas,
Vêm-se as pedras fendidas,
Convulsa a terra tremeu.

Branca, branca como o marmore
Estava nesse momento
Maria a veer o tormento
De seu Filho Deus na cruz.
Pobre Mãe ! suspensa, extatica,
Nem uma queixa desprende ;
Somente a fronte lhe pendè
Quando pende a de Jesus !

Mas a romper o silencio
O gemido do Cordeiro
No alento derradeiro
Ao longe repercutiu:

« Meu Eterno Pae, perdoa-lhes ! »
No meio de tantas dores
Pelos seus perseguidores
Foi o pregão que se ouviu.

E o pregão no espaço estende-se;
Só Sião, a inclemente,
Sião de todo descrente
Não dá treguas ao furor.
Não importa. A cruz da infamia
Desce o Golgotha escalvado
E é no mundo assombrado
Iris de paz e de amor.

Emquanto o Christo debate-se
Nesses transes de agonia,
Roma levanta na orgia
Seus hymnos de embriaguez.
De Caprea nos triclinios
Tiberio zomba da historia :
Quãtas paginas de gloria
Da patria—não calca aos pés !

Guerra, guerra de exterminio
Contra os Christãos lá se ateia :
Morre o homem, mas a idea
Ha de o porvir dominar.

Do cruento pó dos Martyres
Nasce, brota, vinga a crença;
Por um que tomba, que extensa
Cruzada a morte a affrontar!

Da Fé o divino labaro
Vae na conquista do mundo;
Só tu no erro profundo,
Ingrata Jerusalem!
Tantos e tantos prodigios
Não te abalam, não te vencem?
Nem os Magos te convencem
Da nova luz em Bethlem?

Não vês, não tocas o Lasaro
A partir a fria lousa
— Aonde ha muito repousa —
As irmãs indo abraçar?
Foi-te infiel a memoria!
Tão indiziveis tormentos,
Tão magestosos moimentos
Não vêm-te a crença avivar?

Tambem a filha dos Cezares
Nas saturnaes, na loucura
Fecha os olhos á luz pura
Que do Calvario desceu.

Debalde ! que a Lei Novissima
Quebra o sceptro ao despotismo,
E com o audaz paganismo
Aceita a luta e venceu.

Nas grimpas do Capitolio
A cruz excelsa campeia ;
Chora os teus crimes Judea,
Chora a tua perdição.
Esse madeiro do opprobrio
E' agora a nossa herança ;
Nelle sorriu-nos a esp'rança,
Consummou-se a redempção !

FIM

ÍNDICE

	PAG.
I A saudade.....	9
II No Ipyranga.....	12
III A cruz do ermo.....	19
IV No mar.....	22
V Georgina.....	25
VI Quadras.....	28
VII Onde está a felicidade?.....	30
VIII O amor a Deus.....	33
IX A orphã.....	34
X A tempestade.....	36
XI Uma lenda americana.....	41
XII A filha de Jephthé.....	52
XIII O Duque de Bragança.....	54
XIV A morte de Elmano.....	60
XV Num album.....	62
XVI A flecha e a canção.....	65
XVII No Aquidaban.....	66

XVIII	O proscripto de Mossambique.....	68
XIX	O thesouro e os tres viandantes....	73
XX	Morta!.....	76
XXI	S. João d'El Rei.....	78
XXII	O Cinco de Maio.....	81
XXIII	Euzebio de Queiroz.....	86
XXIV	No Golgotha.....	89

89077593580



B89077593580A